

GUY DE MAUPASSANT

Enquanto o criador do romance moderno, Balzac,¹⁹⁵ morria em Paris, no castelo de Miromesnil nascia o renovador do conto, Guy de Maupassant (1850-1893).

Filho de pais abastados, Maupassant concluiu os estudos secundários em Ruão. Entrando, pouco depois, na carreira das armas, tomou parte na desastrosa guerra franco-alemã e assistiu à debandada do exército francês. O desmoronamento do Segundo Império coincidiu com a ruína de seus pais, aliás desavindos e separados havia tempo; o desiludido ex-combatente julgou-se feliz em conseguir um lugar de amanuense no Ministério da Marinha. Não tardou em sentir-se desambientado naquele meio burocrático, pois desde cedo nutria pretensões literárias; para fugir ao tédio e ao desalento, cada fim de semana ia remar num barquinho sobre o Sena e o Marne. Essas três experiências — a guerra, a vida burocrática, a alegria dos desportistas boêmios em contato com o rio — viriam a fornecer assuntos para grande número de seus contos.

Teve o jovem escritor a sorte de encontrar um guia como talvez nenhum de seus predecessores. Flaubert,¹⁹⁶ amigo íntimo da família de sua mãe, aconselhava-o desde os primeiros passos na literatura, apontando-lhe defeitos, impedindo-o de dar à publicidade produções imaturas, inculcando-lhe alto senso de responsabilidade artística e o amor ao trabalho. Submetia o rapaz a uma rígida disciplina de estilo: mandava-o, por exemplo, passear no campo, observar uma árvore até que ela se lhe afigurasse diversa de todas as demais e, de volta, descrever em cem linhas o que vira. Foi esse mestre incomparável, que o aproximou de jornais e editores, quem primeiro o saudou calorosamente, quando, em 1880, na coletânea *As Noites de Medan*, organizada por alguns discípulos de Zola, Maupassant publicou sua primeira grande novela, “Bola de sebo”, a qual o celebrou de um dia para outro. Com a fecundidade do talento que encontrou o seu caminho e sente receptividade aos seus trabalhos, Maupassant escreveu em dez anos uns trezentos contos, além de seis romances, um volume de versos, três de impressões de viagens, e algumas peças, sem falar em outras obras menos importantes. O êxito sem precedentes de seus contos e romances trouxe-lhe inesperada fama e riqueza. Desligou-se do Ministério da Instrução Pública, para onde fora transferido, mobiliou seu apartamento de

Paris com luxo nababesco, comprou uma casa de campo no Mediterrâneo, adquiriu um iate, passou a frequentar os salões da aristocracia, teve grande número de vitórias amorosas — quando, de repente, a insidiosa doença que desde anos o minava se declarou em toda a força. Dores atrozes, tentativa de suicídio, a loucura, a paralisia progressiva, 18 meses de vida meramente vegetativa num manicômio: eis o triste fim dessa existência deslumbrante, invejada por tantos contemporâneos.

Maupassant morreu antes de completar 43 anos de idade.

Nascera para ser escritor, e escritor naturalista. “Talento robusto antes que fino, sem necessidade de expansão simpática, sem inquietude intelectual, não tinha nem afeições nem ideias que o levassem a deformar a realidade; seu coração não reclamava uma ilusão, seu espírito não procurava demonstrações.”¹⁹⁷ Com intuição genial, percebe, em anedotas ouvidas por acaso, cenas mal-entrevistas, casos contados, o germe de outros tantos contos. Observa a realidade com a funda atenção que lhe ensinou Flaubert, mas do que observou destaca apenas o essencial e conta-o com sobriedade enxuta e patética, sem comentários, desvios ou conclusões, com a insensibilidade de uma testemunha imparcial.

Nem todos consideram tal insensibilidade uma virtude. “Maupassant sabe pouco, lê pouco, compreende pouco” — escreve um de seus biógrafos, que por sua vez não parece tê-lo compreendido muito —, “não tem o dote da poesia, e impôs-se uma máscara impassível — motivos que o impedem de alargar o seu estilo, de criar novas e misericordiosas comunicações entre ele e o público, de um lado, e ele e a beleza, do outro”.¹⁹⁸

Porém existe uma poesia involuntária, e talvez seja esta a mais autêntica. “Se alguém entre os poetas modernos merece por excelência o nome de poeta ingênuo, parece-me que é o ultrapariense, livre, malicioso, zombeteiro, sarcástico novelista Guy de Maupassant. Ingênuo e inocente à sua maneira, por isento de qualquer suspeita do que se chama espiritualismo e racionalismo humano, fé na verdade, pureza da vontade, austeridade do dever, concepção religiosa da vida, lutas morais e contrastes intelectuais, através de que tais ideais se elaboram e se mantêm.”¹⁹⁹

Assim continua a discussão em torno de Maupassant como se fora vivo. Por haver sido homem de apetites brutais, de sensualidade preponderante, e alheio a preocupações éticas e metafísicas, e também por haver proclamado, um pouco por bravata, escrever para ganhar muito dinheiro, e não ligar nenhuma importância à literatura, muitos críticos, sobretudo anglo-saxônicos, ainda hoje lhe recusam a qualidade de gentleman, e menosprezam-lhe a obra. “A sua extraordinária técnica e habilidade o tornam o virtual inventor do conto comercial, mas não possuía as qualidades morais e intelectuais de um grande escritor.”²⁰⁰ Entretanto, outros autores não hesitam em colocá-lo entre os maiores. “Seus contos, vistos em conjunto, constituem uma suma épica do século XIX,

como A comédia humana, de Balzac. Como esta, os contos de Maupassant contêm mais do que a mera representação realística da vida moderna: mergulham até às raízes da existência humana.”²⁰¹

Posto não desconheçamos as limitações do gênio de Maupassant, vemos nele um dos maiores cultores do conto. Ninguém possuiu tão nítida intuição das características do gênero, e tem razão Albert Thibaudet²⁰² ao apontar que nunca fez um romance com assunto de conto. Em consequência do ritmo rápido de sua produção, encontram-se-lhe nos volumes contos insignificantes ou não plenamente realizados, situações e assuntos repetidos, narrativas excessivamente arranjadas para um naturalista — mas, com tudo isso, a sua obra contém dúzias de contos esplêndidos, espécimes eternos do gênero, que se revelam melhores a cada releitura, e entre os quais é difícilimo operar uma seleção.

Entre outros, W. Somerset Maugham, discípulo dos mais notáveis do contista, procurou dar uma definição da fórmula maupassantiana do conto.²⁰³ O núcleo deste é, em geral, uma anedota. Com o estritamente necessário de palavras o autor suscita um ambiente, caracteriza as personagens. Arquitetando bem a história, dosando o interesse, desperta no leitor a avidez de saber o desfecho, e o faz, satisfeita a curiosidade, voltar (em pensamento pelo menos) a admirar os pormenores, sempre admiráveis, do desenvolvimento. Apesar de proclamar-se realista, Maupassant não copia a vida; arranja-a, dramatiza-a, sem que o leitor, sob o golpe da emoção, dê por isso.

Mais adiante, ao falar em Tchekov, referir-nos-emos à oposição que se costuma estabelecer entre a fórmula maupassantiana e a tchekoviana do conto.²⁰⁴ H. E. Bates, teórico e cultivador moderno do gênero, lembrou-se de enumerar os pontos em que as duas se parecem: a profunda curiosidade dos autores, sua economia de meios, a simplicidade do vocabulário, a variedade dos tons e das atmosferas, a indiferença dos contistas à moral aceita, a impersonalidade da narração.²⁰⁵

As histórias de Maupassant podem-se dividir em grupos, conforme o ambiente em que se desenvolvem. Já lembramos os contos “de guerra”, “burocráticos” e “aquáticos”. Acrescentaremos as cenas da vida dos camponeses normandos, em parte cômicas ou grotescas; as narrativas de caça e pesca, com excelentes evocações da natureza; as histórias “gaulesas”, em que se mostra sucessor ora do cínico e alegre Boccaccio,²⁰⁶ ora do apaixonado e trágico Stendhal.²⁰⁷ Surpreender-nos-ia, na obra desse desesperado incréu, o vultoso número de histórias fantásticas e sobrenaturais, os casos de alucinação, loucura e sadismo, se ignorássemos a terrível herança familiar que o levou à demência. Devemos, por fim, mencionar um fato estranho, observado pelo crítico René Dumesnil:²⁰⁸ a décima parte dos contos, entre eles alguns dos melhores (“O sr. Parent”, “O campo das oliveiras”, “A inútil beleza”), e um dos seis romances (Pedro e João), focalizam o doloroso problema do filho adúltero abandonado pelo pai, “fruto de breves abraços e que — remorso ou consolação — sobrevive”, problema vasculhado de todas as

maneiras, quase sempre encarado sob o aspecto trágico. Supõe esse erudito que tal obsessão deve prender-se a algum fato até agora desconhecido da biografia de Maupassant, algum episódio pungente da sua tempestuosa vida passional.

O mais recente dos biógrafos de Maupassant, Michael G. Lerner,²⁰⁹ registra (embora sem lhes dar crédito) duas das suposições mais divulgadas. Segundo uma delas, teria tido o escritor com uma de suas numerosas amantes, Joséphine Litrelmann, três filhos, que deixou de legitimar e de criar; conforme outra, seria ele próprio filho ilegítimo — de Flaubert —, o que explicaria o interesse extraordinário que por ele tomou o grande romancista, facilitando-lhe a carreira quanto pôde.²¹⁰

DOIS AMIGOS

Paris estava bloqueada, faminta e arquejante. Tornavam-se muito raros os pardais nos telhados, e os esgotos despovoavam-se. Comia-se o que se encontrava.

Passeando tristemente, por uma clara manhã de janeiro, ao longo do bulevar exterior, com as mãos nos bolsos da calça e o ventre vazio, de repente o sr. Morissot, relojoeiro de profissão e chineleiro nas horas vagas, parou ante um colega, em quem reconheceu um amigo. Era o sr. Sauvage, um conhecimento travado à beira da água.

Todos os domingos, antes da guerra, Morissot partia ao amanhecer, levando em uma das mãos uma vara de bambu e às costas uma caixa de folha-de-flandres. Tomava o trem de Argenteuil, descia em Colombes, e depois caminhava a pé em direção à ilha Marante. Mal chegava a esse lugar de seus sonhos, punha-se a pescar; pescava até à noite.

Todos os domingos encontrava ali um homenzinho atarracado e jovial, o sr. Sauvage, merceiro estabelecido na rua de Nossa Senhora de Loreto, outro pescador fanático. Não raro passavam os dois a metade do dia lado a lado, com a linha na mão e os pés oscilando acima da corrente; e tomaram-se de amizade.

Em certos dias não trocavam uma palavra. Algumas vezes conversavam; mas entendiam-se admiravelmente sem dizer nada, pois tinham gostos semelhantes e sensações idênticas.

Na primavera, de manhã, pelas dez horas, quando o Sol rejuvenescido fazia flutuar sobre o rio tranquilo essa pequena barrela que corre com a água, e derramava no dorso dos dois obstinados pescadores um bom calor de estação recente, por vezes Morissot dizia ao seu vizinho: — “Que doçura, hem?” — e o sr. Sauvage respondia: — “Não conheço nada melhor.” E isto lhes bastava para se compreenderem e se estimarem.

No outono, ao fim do dia, quando o céu, ensanguentado pelo poente, lançava na água imagens de nuvens escarlates, pupurejava o rio inteiro, inflamava o horizonte, tornava rubras como o fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas, trementes

de um frêmito de inverno, o sr. Sauvage fitava Morissot, a sorrir, e exclamava: — “Que espetáculo!” E Morissot, maravilhado, respondia, sempre com os olhos no seu flutuador: — “Isto é melhor do que o bulevar, hem?”

Mal se reconheceram, apertaram-se as mãos com energia, muito comovidos de se reencontrarem em circunstâncias tão diversas. O sr. Sauvage, dando um suspiro, murmurou:

— Acontece cada uma!

Morissot, muito triste, gemeu:

— E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.

Com efeito, o céu estava inteiramente azul e repleto de luz.

Puseram-se a caminhar um ao lado do outro, meditativos e tristes. Morissot prosseguiu:

— E a pesca, hem? Que boa lembrança!

O sr. Sauvage perguntou:

— Quando voltaremos a ela?

Entraram num pequeno café e tomaram juntos um absinto; depois, voltaram a passear pelas calçadas.

Súbito, Morissot se deteve:

— Mais um verde, não?

O sr. Sauvage concordou:

— Às suas ordens.

E entraram noutra casa de bebidas.

Ao saírem, achavam-se muito atordoados, transtornados como pessoas em jejum cujo ventre está cheio de álcool. O tempo era doce. Uma brisa acariciante fazia-lhes cócegas no rosto.

O sr. Sauvage, a quem o ar tépido acabava de embebedar, parou:

— E se a gente fosse lá?

— Lá, onde?

— À pesca.

— Mas onde?

— Ora essa! Em nossa ilha. Os postos avançados franceses ficam perto de Colombes. Eu conheço o coronel Dumoulin; hão de nos deixar passar facilmente.

Morissot estremeceu de desejo:

— Muito bem. De acordo.

E separaram-se para apanhar os seus instrumentos.

Uma hora depois, caminhavam juntos no meio da estrada. Alcançaram, afinal, a casa de campo ocupada pelo coronel. Este sorriu do pedido dos dois homens, e anuiu à fantasia deles. Prosseguiram seu caminho, munidos de passaporte.

Não tardou que transpusessem os postos avançados, atravessassem Colombes abandonada, e se vissem à margem dos pequenos vinhais que descem para o Sena. Eram cerca de 11 horas.

Em frente, a aldeia de Argenteuil parecia morta. As eminências do Orgemont e do Sannois dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre estava deserta, completamente deserta, com suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.

O sr. Sauvage, apontando os cimos com o dedo, murmurou:

— Os prussianos estão lá no alto!

E uma inquietação paralisava os dois amigos em face daquele ermo.

Os prussianos! Nunca eles tinham avistado nenhum, mas sentiam-nos ali desde meses atrás, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, chacinando, esfomeando, invisíveis e todo-poderosos. E uma espécie de supersticioso terror somava-se ao ódio que tinham a esse povo desconhecido e vitorioso.

— E se encontrássemos alguns deles, hem? — disse Morissot, balbuciante.

O sr. Sauvage respondeu, deixando transparecer, a despeito das circunstâncias, esse gosto parisiense do gracejo:

— A gente lhes oferecia uma fritada.

Porém hesitavam em expor-se ao campo, intimidados pelo silêncio de todo o horizonte.

Por fim, o sr. Sauvage decidiu-se:

— Vamos, a caminho! Mas com cautela.

E desceram a um vinhedo, curvados em dois, de rastos, valendo-se de moitas para se resguardarem, olhar inquieto, ouvido atento.

Faltava atravessar uma faixa de terra nua para ganharem a margem do rio. Puseram-se a correr; e, apenas atingiram a ribanceira, agacharam-se entre os caniços secos.

Morissot colou o rosto ao chão para escutar se andava gente pelos arredores. Não ouviu nada. Estavam sozinhos, inteiramente sozinhos.

Serenaram-se e começaram a pescar.

Diante deles, a abandonada ilha Marante ocultava-se à ribanceira oposta. A casinha do restaurante achava-se fechada, parecia desamparada desde anos.

O sr. Sauvage pescou a primeira cavala. Morissot apanhou a segunda, e de momento a momento levantavam as linhas com um bichinho prateado a saltitar na extremidade do fio: verdadeira pesca milagrosa.

Introduziram delicadamente os peixes numa rede de malhas muito apertadas, mergulhada a seus pés. E uma alegria deliciosa os penetrava, essa alegria que nos domina ao reentrarmos no gozo de um prazer amado de que fomos privados por muito tempo.

O bom Sol destilava-lhes o seu calor entre as espáduas; já não ouviam nada, já não

pensavam em nada; ignoravam o resto do mundo: pescavam.

De repente, porém, um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a troar.

Morissot volveu a cabeça, e avistou acima da ribanceira, além, à esquerda, o grande perfil do Mont-Valérien, que trazia na frente um penacho branco, um vapor do pó que acabava de cuspir.

E logo um segundo jacto de fumaça partiu do cimo da fortaleza; e alguns instantes depois ribombou nova detonação.

Seguiram-se outras, e a cada instante a montanha golfava a sua exalação de morte, soprava os seus vapores leitosos, que se erguiam com lentidão no céu calmo, formavam acima dela uma nuvem.

O sr. Sauvage ergueu os ombros:

— Lá continuam eles.

Morissot, que via, com ânsia, submergir-se pouco a pouco a pluma do seu flutuador, foi subitamente assaltado de uma cólera de homem plácido contra aqueles endemoninhados que se batiam assim, e resmungou:

— É preciso ser estúpido para matar desse jeito!

— São piores que animais — observou o sr. Sauvage.

E Morissot, que acabava de pegar uma mugem:

— E dizer-se que será sempre assim, enquanto houver governos!

O sr. Sauvage o deteve:

— A República não teria declarado guerra...

Morissot interrompeu-o:

— Com os reis, temos a guerra fora de portas; com a República, temos a guerra dentro de casa.

E pegaram tranquilamente a discutir, ferindo os problemas políticos com uma razão sadia de homens mansos e limitados, acordes quanto a este ponto: nunca se teria liberdade. E o Mont-Valérien troava sem repouso, demolindo a balaços de artilharia casas francesas, triturando vidas, arrasando seres, aniquilando muitos sonhos, muitas esperadas alegrias, muitas felicidades prometidas, abrindo em corações de esposas, em corações de mães, além, noutras terras, sofrimentos que não mais teriam fim.

— É a vida — declarou o sr. Sauvage.

— Diga antes que é a morte — replicou Morissot a rir.

Mas estremeceram de espanto, sentindo claramente que alguém acabava de caminhar, atrás deles; e volvendo os olhos, avistaram às suas costas, em pé, quatro homens, quatro homenzarrões armados e barbudos, vestidos de libré como lacaios, e com bonés chatos, mantendo-os em frente na extremidade dos seus fuzis.

As duas linhas escaparam-se-lhes das mãos e começaram a descer o rio.

Em alguns segundos foram eles agarrados, presos, arrebatados, metidos numa barca e transportados à ilha.

E atrás da casa que tinham julgado abandonada avistaram uns vinte soldados alemães.

Uma espécie de gigante peludo, que fumava, a cavalo numa cadeira, um grande cachimbo de porcelana, perguntou-lhes, em excelente francês:

— Então, senhores, fizeram boa pesca?

Aí, um soldado depôs aos pés do oficial a rede cheia de peixes, que tivera o cuidado de trazer. O prussiano sorriu:

— Ah! ah! pelo que vejo, a coisa não ia mal. Mas o caso é outro. Escutem-me e não se perturbem. Para mim os senhores são dois espiões mandados para me espreitarem. Eu os prendo e fuzilo. Os senhores fingiam pescar para melhor dissimularem os seus propósitos. Caíram em minhas mãos, tanto pior para os senhores; é a guerra. Mas, como saíram pelos postos avançados, têm decerto uma palavra de ordem para entrar. Digam-me essa palavra de ordem, e eu lhes perdoarei.

Lívidos, um ao lado do outro, com as mãos agitadas por leve tremor nervoso, os dois amigos mantinham-se calados.

O oficial continuou:

— Ninguém o saberá nunca, os senhores voltarão calmamente. O segredo desaparecerá com os senhores. Se recusarem, morrerão, e imediatamente. Escolham.

Eles permaneceram imóveis, sem abrir a boca.

O prussiano, sempre calmo, prosseguiu, apontando para o rio:

— Imaginem que em cinco minutos estarão no fundo daquela água. Em cinco minutos! Os senhores têm parentes, não?

O Mont-Valérien não cessava de atroar.

Os dois pescadores continuavam em pé, e silenciosos. O alemão deu ordens na sua língua. A seguir, mudou de lugar a cadeira, para não ficar muito perto dos prisioneiros; e 12 homens se vieram colocar a vinte passos, de fuzil ao pé.

O oficial prosseguiu:

— Dou-lhes um minuto, nem dois segundos mais.

Depois, ergueu-se de supetão, aproximou-se dos dois franceses, segurou Morissot pelo braço, arrastou-o para mais longe, disse-lhe em voz baixa:

— Depressa, a palavra de ordem? Seu companheiro não saberá de coisa alguma; eu darei a impressão de ter ficado compadecido.

Morissot não respondeu nada.

Então o prussiano arrebatou o sr. Sauvage e propôs-lhe a mesma coisa.

O sr. Sauvage não respondeu.

Ficaram de novo os dois lado a lado.

E o oficial entrou a dar voz de comando. Os soldados ergueram as armas.

Então o olhar de Morissot caiu, por acaso, sobre a rede cheia de cavalas, que ficara na grama, a alguns passos dele.

Um raio de sol fazia brilhar o monte de peixes, que ainda se agitavam. Sentiu invadi-lo um desfalecimento. Apesar dos seus esforços, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Balbuciou:

— Adeus, sr. Sauvage.

O sr. Sauvage respondeu:

— Adeus, sr. Morissot.

Apertaram-se as mãos, abalados da cabeça aos pés por invencíveis tremores.

O oficial gritou:

— Fogo!

Os 12 tiros foram como um só.

O sr. Sauvage caiu em cheio sobre o nariz. Morissot, mais alto, oscilou, girou e desabou em cima do companheiro, com o rosto para o céu, enquanto de sua túnica, crivada no peito, se escapavam borbotões de sangue.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e voltaram depois com cordas e pedras, que ataram aos pés dos dois mortos; em seguida, levaram-nos à ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de ribombar, toucado, agora, de uma montanha de fumaça.

Dois soldados seguraram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o sr. Sauvage de modo idêntico. Os corpos, balançados com força por um instante, foram atirados ao longe, descreveram uma curva, depois mergulharam no rio, a prumo, arrastados pelas cordas.

A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens.

Flutuava um pouco de sangue.

O oficial, sempre sereno, disse a meia-voz:

— Agora é a vez dos peixes.

E tornou para casa.

De repente avistou na grama a rede com as cavalas. Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:

— Wilhelm!

Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:

— Trate de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.

E voltou a fumar o seu cachimbo.

AS JOIAS

Tendo encontrado aquela moça numa festa, em casa do seu subchefe de seção, o sr. Lantin sentiu o amor envolvê-lo feito uma rede.

Era filha de um coletor de província, que morrera havia alguns anos. Viera depois morar em Paris em companhia da mãe, que frequentava algumas famílias burguesas do seu bairro na esperança de casar a menina. Eram pobres e honrados, quietos e afáveis. A moça parecia o tipo acabado da mulher de bem, a quem o jovem morigerado sonha confiar a vida. Havia na sua beleza modesta a graça de um pudor angélico, e o imperceptível sorriso que lhe pairava sempre nos lábios parecia um reflexo do seu coração.

Era louvada por toda a gente; todos aqueles que a conheciam levavam o tempo a repetir: — “Feliz o que se ligar a esta. Não se poderia encontrar melhor.”

O sr. Lantin, então primeiro-amanuense do Ministério do Interior, com vencimentos anuais de três mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e a desposou.

Foi inverossimilmente feliz na escolha. Ela dirigia-lhe a casa com uma economia tão hábil que o casal parecia viver no luxo. Não havia atenções, delicadezas, mimalhices que ela não tivesse com o marido; e tão grande era a sedução de sua pessoa que, seis anos depois de se haverem encontrado, ele a amava ainda mais do que nos primeiros dias.

Somente duas paixões lhe censurava ele: a do teatro e a das joias falsas.

Suas amigas (ela conhecia algumas mulheres de modestos funcionários) estavam sempre a lhe arranjar camarotes para as peças em voga, e até para as primeiras representações; e ela arrastava o marido, a gosto ou a contragosto, para essas diversões, que o fatigavam horrorosamente após o seu dia de trabalho. Assim, ele pediu-lhe consentisse em ir ao espetáculo com alguma senhora de suas relações, que a traria de volta. Não foi sem longa relutância que ela cedeu, não lhe parecendo muito certa essa maneira de agir. Decidiu-se, afinal, por complacência, com o quê o tornou infinitamente grato.

Ora, esse gosto do teatro não tardou a despertar-lhe a necessidade de se enfeitar. Suas vestes, é verdade, continuavam a ser muito simples, sempre de bom gosto, porém modestas; e sua doce graça, sua graça irresistível, humilde e sorridente, parecia adquirir novo sabor com a simplicidade dos vestidos; ela, no entanto, contraiu o hábito de pendurar nas orelhas dois grossos seixos do Reno que simulavam diamantes, e usava colares de pérolas falsas, braceletes de pechisbeque, pentes ornados de variegadas miçangas imitantes a pedras finas.

O marido, a quem chocava um pouco essa paixão da lentejoula, repetia de vez em

(cujas iniciais são também as de *Here Comes Everybody* e nos levam a identificá-lo com toda a humanidade), em que Joyce muito pôs do próprio pai. Aí a linguagem, mais complexa ainda, “obedece a um padrão desconexo, agramatical e espontâneo, destinado a transmitir processos do espírito adormecido”.³⁹ São eles tanto mais difíceis de captar quanto os fragmentos carregados pelo sonho de H.C.E. ultrapassam o círculo de sua experiência acordada e parecem ser as de uma ampla mente coletiva.

Assim como *Retrato do artista quando jovem*, o volume de contos *Dublinenses*, ainda muito mais convencionais na linguagem, é considerado uma preparação das duas obras maiores: *Retrato*, pelo que nos revela sobre a mocidade de Stephen Dedalus; e *Dublinenses*, pela série de imagens da capital irlandesa. A respeito deste último, o próprio autor faria o seguinte reparo:

Minha intenção foi escrever um capítulo da história moral de meu país, e escolhi Dublin para cenário porque a cidade me parecia o centro de paralisia. Tentei apresentá-lo ao público indiferente sob quatro de seus aspectos: infância, adolescência, maturidade e vida pública. As histórias estão arrumadas nessa ordem. Escrevi-o na maior parte num estilo de escrupulosa pobreza na convicção de que seria preciso ter muita coragem para alterar, e ainda mais para deformar, o que se tem visto e ouvido.⁴⁰

Como esse trecho permite concluir, a experimentação linguística de Joyce ainda não envolve esses contos, 15 histórias quase sem ação, sem cor e sem ênfase. Todos eles relatam casos de desencontro e de frustração. Um professor, ao ler no jornal a morte acidental da antiga amada, censura-se por lhe haver causado o fim (“Um caso penoso”). O marido, no momento em que o desejo o impele a buscar a mulher, encontra-a debulhada em lágrimas pela lembrança de um primeiro amor (“Os mortos”). Um menino faz uma visita de condolências à casa dum sacerdote morto paralítico (“As irmãs”). Dois meninos, enquanto fazem gazeta, são abordados por um sádico (“Um encontro”). Um inquilino aguarda ansioso as reclamações da dona da pensão, que o acusará de ter-lhe seduzido a filha, quando na realidade foi seduzido por esta (“A pensão”). Todos eles exalam uma atmosfera de desespero e, nas entrelinhas, uma resignada solidariedade humana.⁴¹

COMPENSAÇÕES

A campanha retiniu furiosamente. Quando a srta. Parker pegou no fone, uma voz furiosa bradou com forte sotaque de irlandês do norte:

— Mande Farrington aqui!

A moça voltou à sua máquina e disse a um homem que estava escrevendo sentado a uma mesa:

— O sr. Alleyne pede-lhe que suba.

Resmungando — “Dane-se!” — com os seus botões, o empregado empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Via-se então que era um homem alto e corpulento. Rosto flácido, tez cor de vinho escuro, sobrancelhas e bigode louros; olhos um tudo-nada ressaltados, de esclera suja. Ergueu a tábua do balcão e, passando por vários fregueses, saiu do escritório a passos pesados.

Subiu pesadamente até chegar ao segundo patamar, onde uma porta ostentava uma chapa de latão com as palavras SR. ALLEYNE. Ali parou, bufando de cansaço e de humilhação, e bateu. A voz aguda gritou:

— Entre!

O homem entrou no gabinete do sr. Alleyne. No mesmo instante o sr. Alleyne, um homenzinho que usava óculos de aros de ouro no rosto escanhado, levantou bruscamente a cabeça de cima de um montão de papéis. Rosada e calva, essa cabeça parecia um grande ovo descansando sobre a papelada. O sr. Alleyne não perdeu um minuto:

— Farrington? Que quer dizer isto? Por que é que você há de me dar sempre motivos de queixa? Posso saber por que não copiou ainda o contrato Bodley-Kirwan? Eu não lhe tinha dito que devia estar pronto para as quatro horas?

— Sim, senhor. Mas o sr. Shelley me disse...

— O sr. Shelley me disse... Pois tenha a bondade de fazer o que eu lhe digo e não o que diz o sr. Shelley, ouviu? Sempre tem uma desculpa para esquivar-se ao trabalho. Quero-lhe dizer que, se o contrato não estiver copiado até a noite, terei de comunicar o fato ao sr. Crosbie... Está-me ouvindo?

— Sim, senhor.

— Está-me ouvindo?... Ah, sim, agora é que me lembro de outro assunto... Mas falar a você é como falar às paredes. Fique sabendo, de uma vez por todas, que você dispõe apenas de meia hora para o lanche, e não de hora e meia. Gostaria de saber, se não o aborrece, de quantos pratos o senhor precisa...

— Sim, senhor.

O sr. Alleyne voltou a inclinar a cabeça sobre o montão de papéis. Farrington olhou fixamente o crânio liso que dirigia os negócios de Crosbie & Alleyne, calculando-lhe a fragilidade. Por alguns instantes um espasmo de raiva lhe apertou a garganta, deixando-lhe depois na boca uma sensação aguda de sede. Identificou de pronto a sensação e disse consigo mesmo que havia de tomar uma boa bebedeira naquela noite. Tinha-se passado metade do mês, e, se conseguisse entregar a cópia em tempo, o sr. Alleyne podia dar uma ordem para a caixa. Ainda não se mexera, continuando a fitar a cabeça inclinada sobre os papéis. De repente, o sr. Alleyne pôs-se a revirar toda a papelada, à procura de alguma coisa. Em seguida, como se não tivesse reparado na presença do

outro até aquele momento, levantou de nova a cabeça com o mesmo movimento brusco e disse:

— Eh? Então você vai ficar aqui o dia todo? Palavra de honra, Farrington, você não leva as coisas a sério!

— Esperava apenas para ver...

— Bem, você não tem de ver coisa nenhuma. Desça e retome o seu serviço.

Pesadamente o homem dirigiu-se à porta, e ao sair da sala ouvia ainda o sr. Alleyne gritar atrás dele que, se o contrato não estivesse copiado no mesmo dia, ia pôr o sr. Crosbie ciente do caso.

Voltou à sua mesa no escritório de baixo e entrou a contar as folhas que ainda tinham de ser copiadas. Pegou da pena e mergulhou-a na tinta, mas continuou a fitar estupidamente as últimas palavras que tinha escrito: Em hipótese alguma o dito Bernard Bodley... A noite caía: dentro de poucos minutos acenderiam o gás: então poderia escrever. Sentiu que precisava extinguir a sede que lhe queimava a garganta. Ergueu-se da escrivaninha e, levantando a tábua do balcão, como dantes, dispôs-se a sair. Ao vê-lo afastar-se, o chefe do serviço encarou-o com olhos inquiridores.

— Está certo, sr. Shelley — disse o empregado, indicando com um dedo o objetivo de sua saída.

O chefe de serviço olhou para o porta-chapéus e, vendo a fila completa, não fez outra observação. Mal chegou ao patamar, o homem tirou do bolso uma boina, pô-la na cabeça e desceu rapidamente as escadas vacilantes. Do portão avançou furtivamente, pela calçada do lado mais próximo, rumo à esquina, e de repente sumiu noutra portão. Agora estava ao abrigo, na loja escura e quentinha de O'Neill. Tapando com o rosto inflamado, cor de vinho escuro ou carne escura, a janelinha do bar, chamou:

— Olá, Pat, traga-me um chope de amigo.

O garçom trouxe-lhe um copo de cerveja preta. Bebeu-o de um trago e pediu um bolo com sementes de cominho. Depôs o seu pêni no balcão e, deixando o garçom procurá-lo às apalpadelas no escuro, retirou-se do botequim tão cautelosamente como entrara.

As trevas, acompanhadas de uma névoa espessa, estavam tomando conta daquela tarde de fevereiro; já se tinham acendido as lâmpadas de Eustace Street. O homem ia roçando as casas até chegar à porta do escritório, perguntando a si mesmo se poderia acabar a cópia em tempo. Nas escadas um cheiro acre e úmido de perfume saudava o seu nariz: evidentemente a srta. Delacour viera enquanto ele estava no botequim. Escondeu a boina no bolso e voltou ao escritório, assumindo expressão distraída.

— O sr. Alleyne chamou-o — disse o chefe do serviço com severidade. — Onde estava?

O empregado olhou para os dois fregueses que se achavam perto do balcão, como para insinuar que a presença deles o impedia de responder. Como, porém, ambos fossem homens, o chefe permitiu-se um sorriso significativo.

— Conheço o truque — disse. — Cinco vezes por dia não é pouco... De qualquer maneira, seria melhor você apressar-se e ver se leva já ao sr. Alleyne uma cópia de nossa correspondência no caso Delacour.

Essa interpelação na presença de estranhos, a subida rápida e o chope que acabara de engolir com tamanha pressa estontearam-no, e, ao sentar-se à mesa para procurar o que lhe pediam, notou que não tinha a menor esperança de acabar a cópia do contrato antes das cinco e meia. Vinha a noite escura e úmida, e ele estava ansioso por passá-la nos bares, bebendo com os amigos sob a luz do gás, entre o retinir dos copos. Separou a correspondência Delacour e saiu com ela, na esperança de que o sr. Alleyne não descobrisse a falta das duas últimas cartas.

O mesmo perfume acre e úmido pairava em todo o trajeto até o gabinete do sr. Alleyne. A srta. Delacour era uma mulher de meia-idade, de aparência judaica; diziam que o sr. Alleyne a namorava, a ela ou ao dinheiro dela. Vinha ao escritório muitas vezes e sempre ficava ali até tarde. Sentada ao lado da mesa do gerente numa nuvem de perfume, acariciava o cabo do seu guarda-chuva e agitava a grande pluma branca do chapéu. O sr. Alleyne tinha dado meia-volta à própria cadeira para ficar-lhe em frente, descansando a perna direita sobre o joelho esquerdo com ar desembaraçado. O empregado depôs a correspondência na mesa e inclinou-se respeitoso, mas nenhum dos dois tomou conhecimento da sua reverência. O sr. Alleyne bateu na correspondência com um dedo e deu um estalo na direção de Farrington como para dizer: "Está certo. Pode retirar-se."

O empregado voltou ao escritório e sentou-se de novo à mesa. Fixou com atenção a frase começada: Em hipótese alguma o dito Bernard Bodley... e achou estranho que os dois nomes comesçassem pela mesma letra. O chefe do serviço começou a apressar a srta. Parker, dizendo que ela não acabaria de bater em tempo as cartas destinadas ao correio. Farrington escutou durante alguns minutos o barulho da máquina, e em seguida pôs-se a acabar a própria tarefa. Mas tinha a cabeça confusa, e o seu espírito vagueava no rumo do botequim, cheio de luz e de algazarra. Era uma noite para ponches quentes. Recomeçou a luta com a cópia, mas, quando o relógio bateu cinco horas, ainda tinha 14 páginas para copiar. Diabo! Não podia mesmo acabar aquilo a tempo. Tinha uma vontade louca de xingar alto, de esmurrar alguém ou alguma coisa. Estava tão furioso que, em vez de Bernard Bodley, escreveu Bernard Bernard e teve de recomeçar a folha.

Sentia-se bastante forte para dar sozinho uma limpeza em todo o escritório. O corpo anelava por fazer algo, sair precipitadamente, armar uma farra de todos os diabos. Todas as indignidades da sua vida revoltavam-no... Poderia pedir ao caixa um vale em caráter particular? Decerto que não: o danado daquele sujeito não era camarada, não lhe daria coisa nenhuma... Bem sabia onde encontrar os amigos: Leonard e O'Halloran e Nosey Flynn. O barômetro de sua emotividade marcava disposição para um escarcéu.

Tão arrebatado estava pela imaginação que o seu nome foi pronunciado duas vezes antes que respondesse. O sr. Alleyne e a srta. Delacour achavam-se do outro lado do balcão, e todos os empregados se tinham voltado para os dois, na expectativa de alguma coisa. Farrington levantou-se. O sr. Alleyne encetou uma ladainha de injúrias, dizendo que faltavam duas cartas. O homem respondeu que não sabia nada a esse respeito, e que tinha feito uma cópia exata. A ladainha continuava, tão áspera e violenta que só a custo Farrington se absteve de descer o punho na cabeça do homenzinho que tinha diante de si.

— Não sei nada a respeito das duas outras cartas — disse com estupidez.

— Você... não sabe... nada! É isso mesmo, você não sabe nada! — exclamou o sr. Alleyne. — Mas diga-me — acrescentou, olhando para a senhora a seu lado, como que lhe esperando a aprovação —, você está-me tomando por algum tolo? Pensa que eu sou idiota?

Do rosto da senhora, o homem dirigiu o olhar para a pequena cabeça oviforme, depois levou-o de novo à moça, e, quase antes que ele mesmo a compreendesse, sua língua encontrou uma resposta feliz:

— Isto não me parece uma pergunta que se faça a mim.

Houve uma pausa na própria respiração dos empregados. Todos (e o autor do chiste não menos do que os seus colegas) se achavam aturdidos, e a srta. Delacour, gorducha e amável, exibiu um largo sorriso. As faces do sr. Alleyne revestiram-se do rubor de uma rosa silvestre, e a boca se contorceu numa fúria de anão. Pôs-se a agitar o punho diante do rosto de seu interlocutor, até que pareceu vibrar como um botão da máquina elétrica:

— Você é um patife impertinente! É um patife impertinente! Mas eu é que não terei muita consideração com você. Ou me pedirá desculpa da sua impertinência ou vai embora, e já. Rua — ouviu? —, a não ser que me peça desculpa!

Postado no vão do portão da frente, Farrington esperava para ver se o caixa ia sair sozinho. Todos os empregados passaram, até que o caixa apareceu em companhia do chefe do serviço. Não valia a pena tentar falar com ele quando estava com o chefe do serviço. Farrington sentia que a sua situação era bastante ruim. Tinha sido obrigado a apresentar uma desculpa vergonhosa ao sr. Alleyne pela sua impertinência, e, com tudo isso, sabia que, desde então, o escritório seria para ele um vespeiro... Lembrava-se bem de como o sr. Alleyne perseguira o pequeno Peake até fazê-lo despedir-se para dar o lugar ao próprio sobrinho. Cheio de furor, sentia-se sedento de bebida e de vingança, com raiva de si e de todos. O sr. Alleyne não o deixaria mais em paz nem uma hora sequer; a sua vida se transformaria num inferno. Acabara de fazer um papel de bobo. Por que não calara a boca? Aliás, desde o princípio, nunca ele e o sr. Alleyne se deram bem, desde o dia em que este o ouvira, por acaso, imitar o seu acento de irlandês do norte,

para divertir Higgins e a srta. Parker: foi assim que principiou. Poderia sondar Higgins, mas este nunca tinha dinheiro nem para si. Evidentemente, um homem que tinha de manter duas casas não podia mesmo...

Sentiu de novo doer o seu grande corpo pela falta do aconchego do botequim. Começou a sentir frio naquela névoa, e perguntava a si mesmo se não poderia tentar uma facada no Pat, do bar de O'Neill. Mas nunca poderia arrancar-lhe mais de um xelim, e um xelim não dava para nada. No entanto, precisava arranjar dinheiro, de um modo ou de outro: gastara o seu último pêni no chope, e dentro em pouco seria tarde para encontrar uns cobres fosse onde fosse. De súbito, ao tocar na corrente do relógio, lembrou-se da casa de penhores de Terry Kelly em Fleet Street. Era a solução! Como é que não pensara nisso antes?

Atravessou depressa o beco estreito de Temple Bar, resmungando com os seus botões que o Diabo podia carregar a todos, pois ele ia ter uma boa noitada graças ao dinheiro. O empregado de Terry Kelly ofereceu-lhe uma coroa,⁴² mas o penhorante insistiu em pedir seis xelins, e acabou obtendo-os. Saiu da casa de penhores alegre, fazendo das moedas um rolozinho que acariciava na mão. Em Westmoreland Street, moços e moças, vindos do trabalho, enchiam a calçada, e pequenos jornaleiros esfarrapados corriam por toda parte, a apregoar as edições da tarde. Farrington passou pela multidão, olhando o espetáculo com soberbo contentamento e fitando as datilógrafas com um olhar imperioso. Atordoava-lhe a cabeça o barulho das campainhas dos bondes e o silvo dos troles, e seu nariz já aspirava as ondeantes emanções do ponche. Enquanto andava, ia imaginando os termos em que contaria o incidente aos rapazes: — "Pois bem, eu apenas o encarei com frieza — ouviram? —, e a encarei a ela também. Depois olhei de novo para ele, com todo o vagar, ouviram? — 'Isto não me parece uma pergunta que se faça a mim' — disse-lhe então."

Nosey Flynn estava sentado no caminho costumeiro do bar de Davy Byrne, e, ao ouvir a história, pagou meio copo de uísque para Farrington, dizendo que aquilo era a coisa mais formidável que já ouvira. Farrington, por sua vez, pagou outro uísque. Depois de algum tempo, chegaram O'Halloran e Paddy Leonard, e a história foi repetida para eles. O'Halloran pagou cervejas pretas quentes para toda a turma e contou a história de uma resposta que ele dera ao chefe do serviço quando trabalhava na casa Callan, em Fownes's Street; mas, como houvesse a resposta sido dada na maneira cândida dos pastores das églogas, teve de admitir que não era tão boa como a de Farrington. Aí este convidou os rapazes a acabarem com a bebida e tomarem outra.

Estava encomendado para cada um o respectivo veneno, quando, de repente, quem entra? O próprio Higgins em pessoa. Não pôde deixar de reunir-se à turma. Os rapazes pediram-lhe que desse a sua versão da história, e ele os satisfez com grande vivacidade, pois o espetáculo de cinco pequenos copos de uísque quente era sobremaneira animador.

Todos riram com estrondo quando Higgins mostrou como o sr. Alleyne sacudira o punho no nariz de Farrington, e quando imitou este ao dizer — “Pois aqui o degas ouvia com a cara mais calma deste mundo” —, enquanto Farrington olhava para o grupo com os olhos baços e pesados, sorrindo e, ao mesmo tempo, tirando com o beijo uns pingos de bebida extraviados no bigode.

Após a rodada houve uma pausa. O'Halloran tinha dinheiro, porém os outros dois pareciam não ter um tostão, de sorte que a turma deixou o bar, mas não sem certa pena. Na esquina de Duke Street, Higgins e Nosey Flynn dobraram à esquerda, ao passo que os três outros retornaram à cidade. Chuviscava sobre as ruas frias, e, ao chegarem próximo ao edifício da alfândega, Farrington propôs a Casa Escocesa. Neste bar, cheio de gente, ouvia-se um forte rumor de vozes e de copos. Passaram os três pelos vendedores de fósforos que choramingavam à porta e foram formar um grupinho ao canto do balcão. Principiaram a trocar histórias. Leonard apresentou-lhes um rapaz chamado Weathers, que se estava exibindo no Tívoli como acrobata e palhaço. Farrington ofereceu uma rodada. Weathers preferia um uísque irlandês pequeno com água Apollinaris. Farrington, que tinha uma noção exata das coisas de etiqueta, perguntou aos outros se queriam também Apollinaris; porém eles pediram a Tim uísque quente. A conversa passou para o teatro. O'Halloran pagou outra rodada, Farrington pagou mais outra, enquanto Weathers protestava contra aquela hospitalidade excessivamente irlandesa. Prometeu-lhes fazê-los entrar nos bastidores e apresentá-los a algumas moças bonitas. O'Halloran disse que ele e Leonard iriam, mas que Farrington não podia acompanhá-los, por ser casado. Farrington, com seus olhos pesados e baços, fitava-os de soslaio para mostrar que compreendia estarem troçando dele. Weathers ofereceu-lhes então mais um copinho e prometeu encontrar-se com eles mais tarde no Mulligans, em Poolbeg Street.

Quando a Casa Escocesa se fechou, foram os três para o Mulligans. Sentaram-se na sala do fundo, e O'Halloran pediu copinhos de ponche de uísque para todos. Todos começaram a sentir-se alegres e tontos. Farrington estava justamente pagando outra rodada, quando Weathers reapareceu; para grande alívio do primeiro, desta vez ele se contentou com uma cerveja. Os fundos iam diminuindo, mas ainda havia o necessário para continuarem mais um pouco. Entraram duas moças de chapéu grande com um rapaz de terno xadrez e sentaram-se a uma mesa perto deles. Weathers cumprimentou-os e informou os amigos de que eram gente do Tívoli. A cada instante os olhos de Farrington procuravam uma das mulheres, que tinha algo de provocador, com o pescoço envolvido por um imenso xale de musselina azul-pavão atado sob o queixo num grande laço; usava compridas luvas amarelas que lhe iam até o cotovelo. Farrington contemplava com admiração o braço roliço, que ela erguia frequentemente e com muita graça; e quando ela, depois de certo tempo, respondeu ao seu olhar, ele entrou a admirar ainda mais aqueles grandes olhos castanhos, aquele olhar oblíquo e fixo que o fascinava. Ela o mirou

uma ou duas vezes e, no momento em que saiu com a sua comitiva, roçou-lhe a cadeira, dizendo: — “Oh, perdão!” — com sotaque londrino. Farrington acompanhou-a com os olhos até a porta, na esperança de que se voltaria para ele, mas ficou desiludido. Amaldiçoava a sua falta de dinheiro e todos os copos que acabara de pagar, sobretudo os uísques e as Apollinaris que pagara para Weathers. Se havia no mundo uma coisa que não podia suportar, eram os filantes. Estava tão aborrecido que perdia o fio da palestra dos amigos.

Somente quando Paddy Leonard lhe dirigiu a palavra foi que percebeu que estavam conversando sobre exhibições de força. Weathers mostrava o seu bíceps com tal jactância que os companheiros convidaram Farrington a salvar a honra nacional. Para satisfazê-los, Farrington arregaçou a manga e exibiu o bíceps. Os dois braços foram examinados e comparados, e afinal ficou resolvido que haveria uma competição. Limparam a mesa, e os dois homens, encostando nela os cotovelos, apertaram as mãos. Quando Paddy Leonard dissesse — “Vamos!” —, cada um devia procurar deitar a mão do outro sobre a mesa. Farrington parecia muito sério e resoluto.

Começou a prova. Após uns trinta segundos, Weathers conseguiu dobrar lentamente a mão do adversário. O rosto de Farrington ficou ainda mais escuro pelo aborrecimento e humilhação de ter sido vencido por um fedelho daqueles.

— Você não deve botar todo o peso do corpo em cima — disse-lhe. — Jogo limpo!

— Quem é que não está jogando limpo? — perguntou o outro.

— Venha ver outra vez. Ganha quem vencer duas vezes em três.

A competição recomeçou. As veias incharam na testa de Farrington e a palidez do rosto de Weathers transformou-se em cor de peônia. As mãos e os braços de ambos tremiam com o esforço. Depois de longo combate, Weathers conseguiu de novo levar à mesa a mão do adversário. Houve entre os assistentes um murmúrio de aprovação. O garçom que estava ao lado da mesa fez com a cabeça ruiva um sinal para o vencedor e disse com estúpida familiaridade:

— Ele tem é jeito!

— Que é que você entende disso? — explodiu Farrington com raiva, voltando-se para ele. — Quem foi que pediu o seu palpite?

— Psiu! Psiu! — disse O’Halloran, reparando na expressão violenta do rosto de Farrington. — Olhe os copos, pessoal. A gente bebe mais um trago, e depois dá o fora.

Na esquina da ponte de O’Connell um homem esperava, carrancudo, o bondezinho de Sandymount, para voltar para casa. Estava cheio de raiva contida, sedento de vingança. Sentia-se humilhado e, ao mesmo tempo, descontente: nem sequer se achava bêbado, e sobravam-lhe apenas dois pence no bolso. Soltava improperios. Estragara a sua situação no escritório, empenhara o relógio, gastara todo o dinheiro que tinha, e nem sequer

conseguira embriagar-se. Tornou a sentir sede, e desejou estar outra vez no botequim quente e enfumaçado. Perdera a reputação de homem forte, tendo sido vencido duas vezes por um fedelho. O coração inchava-se-lhe de raiva, e, ao lembrar-se da mulher de chapéu grande que havia roçado a sua cadeira e dito — “Oh, perdão!” —, o furor sufocava-o.

O bonde deixou-o em Shelbourne Road, e ele foi dirigindo o grande corpo ao longo da sombra do quartel. Repugnava-lhe voltar para casa. Ao entrar, pela porta lateral, encontrou a cozinha vazia e o fogo quase apagado. Berrou para cima:

— Ada! Ada!

Sua esposa era uma mulher pequena, de perfil marcado, que tiranizava o marido quando sóbrio e era tiranizada por ele quando bêbado. Tinham cinco filhos.

Um menino desceu correndo as escadas.

— Quem é? — perguntou o homem, espreitando nas trevas.

— Sou eu, papai.

— Quem? Charlie?

— Não, papai. Tom.

— Onde está sua mãe?

— Foi à igreja.

— Está bem... Lembrou-se de me deixar alguma comida?

— Sim, papai. Eu...

— Acenda a luz. Por que diabo esta escuridão? Os outros estão dormindo?

Sentou-se pesadamente numa das cadeiras, enquanto o pequeno acendia a lâmpada. Pôs-se a imitar o acento monótono do menino, repetindo mais para si mesmo: — “Foi à igreja. À igreja, sim senhor!” — Acesa a lâmpada, bateu com o punho na mesa e gritou:

— Que é que eu tenho para jantar?

— Já vou... Vou preparar, papai... — disse o menino.

O homem levantou-se de um pulo e apontou o fogo:

— Com esse fogo? Você deixou o fogo apagar-se! Com todos os diabos, vou-lhe ensinar a não fazer isso outra vez!

Deu um passo para a porta e apanhou a bengala encostada à parede.

— Vou-lhe ensinar a não deixar o fogo apagar-se — repetia, arregaçando a manga para facilitar o movimento do braço.

O menino gritou — “Oh, papai!” — e pôs-se a correr, choramingando, em volta da mesa; mas o pai o perseguiu e apanhou-o pelo paletó. O pequeno olhou-o apavorado, mas, como não visse possibilidade de fuga, caiu de joelhos.

— Isto é para que você não deixe o fogo apagar-se a próxima vez! — disse o homem, dando-lhe umas bengaladas bem fortes. — Isto é para você, seu cachorro!

O menino soltou um grito de dor quando a bengala lhe atingiu a coxa. Ergueu as mãos

postas e gritou numa voz tremente de medo:

— Papai! Não me bata... Eu vou... rezar uma ave-maria pelo senhor... vou rezar uma ave-maria, se o senhor não me bater... vou rezar uma ave-maria...

Ônibus

Se não lhe for incômodo, traga-me *El Hogar*^[2] quando voltar pediu Dona Roberta, reclinando-se na poltrona para a sesta. Clara punha em ordem os remédios na mesinha de rodas, percorria a peça com um olhar minucioso. Não faltava nada, a menina Matilde ficaria cuidando da Dona Roberta, a copeira estava a par do necessário. Agora podia sair, com toda a tarde do sábado para ela só, a amiga Ana esperando-a para conversar, o chá dulcíssimo às cinco e meia, o rádio e os chocolates.

Às duas, quando a onda dos empregados já atravessou os umbrais de tantas casas, Vila do Parque fica deserta e luminosa. Clara desceu por Tinogasta e Zamudio pisando firmemente, saboreando um sol de novembro partido por ilhas de sombras que as árvores da Agronomia arremessavam no seu caminho. Na esquina da Avenida San Martín com Nogoyá, enquanto esperava o ônibus 168, ouviu uma revoada de pardais sobre sua cabeça, e a torre florentina de San Juan María Vianney lhe pareceu mais rubra contra o céu sem nuvens, alta de dar vertigem. Passou don Luis, o relojoeiro, e lhe cumprimentou apreciativo, como se louvando sua figura arrumada, os sapatos que a deixavam mais esbelta, seu pescocinho branco sob a blusa creme. Pela rua vazia veio preguiçosamente o 168, soltando seu bufo insatisfeito quando a porta se abriu para Clara, única passageira na esquina tranquila da tarde.

Procurando as moedas nos bolsos cheios de coisas, demorou a

pagar a passagem. O cobrador esperava com cara de poucos amigos, atarracado e arrogante sobre sua pernas tortas, próprias para aguentar as curvas e freadas. Duas vezes Clara lhe disse: "De quinze", sem que a olhasse, distraído com alguma coisa. Depois a entregou o bilhete rosa, e Clara lembrou de uma cantiga de infância, algo como: "Marca, marca cobrador uma passagem azul ou rosa; canta, canta alguma coisa, enquanto conta o dinheiro." Sorrindo ela procurou um assento no fundo, achou vago o que ficava perto da Saída de Emergência, e sentou-se com o prazer de proprietário que sempre dá o lado da janelinha. Então viu que o cobrador continuava observando-a. E na esquina da ponte Avenida San Martín, antes de dobrar, o motorista se virou e também a encarou, com dificuldade pela distância mas buscando distingui-la afundada em seu assento. Era um loiro ossudo com cara de fome, que trocou uma palavras com o cobrador, os dois olharam Clara, entreolharam-se, o ônibus deu um salto e se meteu à toda velocidade pela Chorroarín.

"Par de idiotas", pensou Clara entre lisonjeada e nervosa. Ocupada em guardar seu bilhete na bolsa, observou de soslaio a senhora com o grande buquê de cravos que viajava no assento da frente. Então a senhora a olhou, por sobre as flores se virou e a encarou docemente como uma vaca sobre uma cerca, e Clara pegou um espelhinho e logo se ocupou em estudar os lábios e as sobrancelhas. Sentia na nuca uma impressão desagradável; a suspeita de outra impertinência a fez se virar rapidamente, com raiva de verdade. A dois centímetros de seu rosto estavam os olhos de um velho de colarinho duro, com um buquê de margaridas compondo um odor quase nauseabundo. No fundo do ônibus, sentados no grande assento verde, todos os passageiros a encaravam, pareciam criticar algo em Clara que sustentava seus olhares com esforço crescente, sentindo que era cada vez mais difícil, não pela coincidência dos olhares em si nem pelas flores que

carregavam os passageiros; mas porque esperava um fim amigável, uma razão engraçada como ter uma mancha no nariz (mas não tinha); e sobre seu começo de risada posavam congelando-a esses olhares atentos e contínuos, como se os flores a estivessem observando.

Subitamente inquieta, deixou escorregar um pouco o corpo, fixou os olhos no encosto quebrado do banco da frente, examinando a porta de emergência e sua inscrição "Para abrir a porta PUXE A ALAVANCA para dentro e para cima", considerando as letras uma à uma sem conseguir reuni-las em palavras. Conseguia assim uma zona segura, uma segurança, uma trégua para pensar. É natural que os passageiros olhem ao que recém sobe, é comum que as pessoas levem flores quando vão a Chacarita^[3], e é quase comum que todos no ônibus tenham flores. Passavam diante do Hospital Alvear, e do lado de Clara se estendiam os terrenos baldios, em cuja extremidade distante está a Estrela, zona de sujos charcos, cavalos amarelos amarrados pelo pescoço. Clara achava difícil se afastar de uma paisagem que o brilho duro do sol não conseguia alegrar, mas uma vez ou outra se atrevia a dirigir um rápido olhar ao interior do carro. Rosas vermelhas e copos-de-leite, gladiólos horríveis mais distantes, parecendo machucados e sujos, cor de rosa-velho com manchas lívidas. O senhor da terceira janelinha (olhava-a, agora não, agora de novo) levava cravos quase negros apertados em uma só massa contínua, como uma pele rugosa. As duas meninas de nariz cruel que se sentavam na frente, em um dos bancos laterais, sustentavam entre ambas o ramo dos pobres, crisântemos e dalias, mas elas não eram pobres, estavam vestidas com casaquinhos bem cortados, saias pregueadas, meias brancas três-quartos, e olhavam para Clara com altivez. Quis fazê-las baixar os olhos, pirralhas insolentes, mas eram quatro pupilas fixas e também o cobrador, o senhor dos cravos, o calor na nuca por causa de toda essa gente detrás, o velho do colarinho duro tão perto, os jovens do banco

posterior, a Paternal: passagens de Cuenca terminam.

Ninguém descia. O homem subiu agilmente, enfrentando o cobrador que o esperava no meio do carro, olhando suas mãos. O homem tinha vinte centavos na mão direita e com a outra alisava o casaco. Esperou, indiferente, o exame: "De quinze", ouviu Clara. Como ela: de quinze. Mas o cobrador não destacava a passagem, continuava olhando o homem, que afinal percebeu e fez um gesto de impaciência cordial: "Eu lhe disse de quinze." Pegou a passagem e esperou o troco. Antes de recebê-lo, já havia deslizado levemente até o lugar vazio ao lado do senhor dos cravos. O cobrador lhe deu os cinco centavos, olhou-o um pouco mais, de cima, como se examinasse sua cabeça; ele nem notava, distraído na contemplação dos cravos negros. O senhor examinava-o, uma ou duas vezes olhou-o rapidamente e ele passou a lhe devolver o olhar; os dois viravam a cabeça quase ao mesmo tempo, mas sem provocações, nada mais que se olhando. Clara continuava furiosa com as meninas da frente, que a olhavam por um longo tempo, e depois ao novo passageiro; houve um momento, quando o 168 iniciava sua corrida pegado ao paredão de Chacarita, em que todos os passageiros estavam olhando para o homem e também para Clara, só que já não a olhavam diretamente, porque se interessavam mais pelo recém-chegado, mas era como se a incluíssem em seu olhar, unissem os dois na mesma observação. Que gente boba, essa, porque até as pirralhas não eram tão crianças, cada um com seu ramo e obrigações pela frente, e se portando com essa grosseria toda. Teria gostado de prevenir o outro passageiro, uma silenciosa fraternidade sem razões crescia em Clara. Dizer a ele: "Você e eu tiramos passagem de quinze", como se isso os aproximasse. Tocar no seu braço, aconselhá-lo: "Não se dê por achado, são uns impertinentes, metidos aí atrás das flores como bobos." Teria gostado que ele viesse sentar a seu lado, mas o rapaz — na realidade era jovem, embora tivesse duras marcas no rosto — se deixara cair no primeiro

lugar livre que teve a seu alcance. Com um gesto meio divertido meio irritado, se empenhava em devolver o olhar do cobrador, das duas meninas, da senhora com os gladiólos; e agora o senhor dos cravos vermelhos estava com a cabeça voltada para trás e olhava Clara, olhava-a inexpressivamente, com uma doçura opaca e flutuante de pedra-pomes. Clara lhe devolvia o olhar teimosa, se sentindo oca; tinha vontade de descer (mas essa rua, a essa altura, e enfim por nada, por não ter um ramo); notou que o rapaz parecia inquieto, olhava de um lado a outro, depois para trás, e ficava surpreso ao ver os quatro passageiros do banco posterior e o ancião do colarinho duro com as margaridas. Seus olhos passaram pelo rosto de Clara, detendo-se um segundo em sua boca, em seu queixo; da frente vinham os olhares do cobrador e das duas meninas, da senhora dos gladiólos, até que o rapaz se voltou para olhá-los desanimado. Clara mediu sua aflição de minutos antes pela que agora inquietava o passageiro. "E o coitado com as mãos vazias", pensou absurdamente. Achava nele algo de indefeso, só com os olhos para deter aquele fogo frio desabando sobre ele de todas as partes.

Sem parar, o 168 entrou nas duas curvas que dão acesso à esplanada defronte ao átrio do cemitério. As meninas vieram pelo corredor e pararam na porta de saída; do fundo, vinham alinhadas as margaridas, os gladiólos, os copos-de-leite. Atrás havia um grupo confuso e as flores cheiravam para Clara, quietinha em sua janelinha, mas tão aliviada por ver quanta gente descia, como viajaria bem o resto do percurso. Os cravos negros apareceram no alto, o passageiro se levantara para deixar sair os cravos negros, e ficou de lado, quase metido em um banco vazio diante do de Clara. Era um belo rapaz, simples e simpático, talvez um empregado de farmácia, ou um guarda-livros, ou um construtor. O ônibus parou suavemente, e a porta bufou ao se abrir. O rapaz esperou que as pessoas descessem para escolher à vontade outro lugar, enquanto

Clara participava da paciente espera dele e se impacientava com o desejo de que os gladiolos e as rosas descessem de uma vez. Já então estava aberta a porta e todos em fila, olhando-a e olhando o passageiro, sem descer, olhando-os entre os ramos que se agitavam como se houvesse vento, um vento de debaixo da terra e que mexesse as raízes das plantas e agitasse em bloco os ramos. Saíram os copos-de-leite, os cravos vermelhos, os homens de trás com seus ramos, as duas meninas, o velho das margaridas. Ficaram os dois sozinhos e o 168 pareceu de repente menor, mais cinzento, mais bonito. Clara achou certo e quase necessário que o passageiro sentasse a seu lado, embora tivesse todo o ônibus para escolher. Ele sentou e os dois baixaram a cabeça e se olharam as mãos. Estavam aí, eram simplesmente mãos; nada mais.

— Chacarita! — gritou o cobrador.

Clara e o passageiro responderam a seu impaciente olhar com uma simples fórmula: "Temos passagens de quinze". Mas só pensaram nela, e era suficiente.

A porta continuava aberta. O cobrador se aproximou deles.

— Chacarita — disse, quase explicativamente. O passageiro nem o olhava, mas Clara teve pena dele.

— Vou a Retiro — disse, e lhe mostrou o bilhete. *Marca, marca cobrador uma passagem azul ou rosa.* O motorista estava quase fora do banco, olhando-os; o cobrador se virou indeciso, fez um sinal. Bufou a porta traseira (ninguém tinha subido na frente) e o 168 pegou velocidade com solavancos coléricos, leve e solto em uma correria que pôs um peso no estômago de Clara. Ao lado do motorista, o cobrador se segurava agora ao barrote cromado e os olhava profundamente. Eles lhe devolviam o olhar, e estiveram assim até a curva de entrada em Dorrego. Depois Clara sentiu que o rapaz pousava devagar a mão na sua, como se estivesse aproveitando que não podiam vê-lo lá da frente. Era uma mão suave, muito morna, e ela não retirou a sua, mexeu-a lentamente até

levá-la ao extremo da coxa quase sobre o joelho. Um vento de velocidade envolvia o ônibus em plena marcha.

— Tanta gente — disse ele, quase sem voz. — E de repente descem todos.

— Levavam flores a Chacarita — disse Clara. — Nos sábados, muita gente vai aos cemitérios.

— Sim, mas...

— Era um pouco estranho, sim. Você notou...?

— Sim — disse ele, quase lhe cortando a palavra. — Com você aconteceu o mesmo, eu notei.

— É estranho: agora não sobe mais ninguém.

O veículo freou brutalmente, barreira do Central Argentino. Deixaram-se levar adiante, aliviados pelo salto de surpresa, pelo solavanco. O veículo tremia como um corpo enorme.

— Vou a Retiro — disse Clara.

— Eu também.

O cobrador não saíra do lugar, agora falava colérico com o motorista. Viram (sem dar a perceber que estavam atentos à cena) como o motorista abandonava seu banco e vinha pelo corredor até eles, com o cobrador seguindo seus passos. Clara notou que os dois olhavam o rapaz e que este ficava tenso, como que reunindo forças; tremeram suas pernas, o ombro que se apoiava no dela. Então uivou horrivelmente uma locomotiva a toda velocidade, uma fumaça negra cobriu o sol. O fragor do expresso cobria as palavras que o motorista devia estar dizendo; parou a dois bancos deles, agachando-se como quem vai saltar. O cobrador, conteve-o pondo uma mão no ombro, mostrou imperativo as barreiras que já se levantavam enquanto passava o último vagão com um estrépito de ferros. O motorista apertou os lábios e voltou correndo a seu posto; com um salto raivoso o 168 enfrentou os trilhos, a ladeira oposta.

O rapaz soltou o corpo e se deixou deslizar suavemente no banco.

— Nunca me aconteceu uma coisa assim — disse, como que falando a si mesmo.

Clara queria chorar. E o choro estancado, disponível mas inútil. Mesmo sem pensar nisso, tinha consciência de que tudo estava bem, que viajava em um 168 vazio sem contar o outro passageiro, e que todo o protesto contra essa ordem podia ser resolvido tocando a campainha e descendo na primeira esquina. Mas tudo estava bem assim; e só sobrava a ideia de descer, de afastar essa mão que de novo tinha apertado a dela.

— Estou com medo — disse, simplesmente. — Se pelo menos tivesse posto umas violetas na blusa.

Ele a olhou, olhou sua blusa lisa.

— Às vezes gosto de levar um jasmim-do-cabo na lapela — disse. — Hoje saí apressado e nem prestei atenção.

— Que pena. Mas a verdade é que vamos a Retiro.

— Claro, vamos a Retiro.

Era diálogo, um diálogo. Cuidar dele, alimentá-lo.

— A gente não poderia levantar um pouquinho a janelinha? Eu sufoco aqui dentro.

Ele a olhou surpreso, porque o que sentia era frio. O cobrador cuidava deles de esguelha, falando com o motorista; o 168 não voltara a parar depois da barreira e agora já estavam dando a volta em Canning e Santa Fe.

— Este banco tem a janelinha fixa — disse ele. — É o único banco do ônibus que vem assim, por causa da porta de emergência.

— Ah — disse Clara.

— Podíamos passar a um outro.

— Não, não. — Apertou os dedos dele, detendo seu movimento de se levantar. — Quanto menos a gente se mexer, melhor.

— Bem, mas poderíamos levantar a janelinha da frente.

— Não, por favor, não.

Ele esperou, pensando que Clara ia acrescentar alguma coisa; ela, porém, se fez menor no banco. Olhava-o agora de cheio para escapar à atração que vinha lá da frente, dessa cólera que chegava até eles como um silêncio ou um calor. O passageiro pôs a outra mão sobre o joelho de Clara, e ela aproximou a sua e ambos se comunicaram silenciosamente pelos dedos, pelo morno acariciar das palmas.

— Às vezes a gente é tão descuidada — disse timidamente Clara. — Pensa que trouxe tudo e sempre esquece alguma coisa.

— É que não sabíamos.

— Bem, dá no mesmo. Eles olhavam para mim, principalmente aquelas meninas, e me senti muito mal.

— Eram insuportáveis — protestou ele. — Você viu como combinaram cravar os olhos em nós?

— Afinal de contas o ramo era de crisântemos e dalias — disse Clara. — Mas pareciam a mesma coisa.

— Porque os outros as encorajavam — afirmou ele com irritação. — O velho do meu banco, com seus cravos mal-arranjados, aquela cara de pássaro. Só não vi bem os do fundo. Você acredita que todos...?

— Todos — disse Clara. — Eu os vi mal tinha subido. Subi em Nogoyá com Avenida San Martín, e quase em seguida eu me virei e vi que todos, todos...

— Ainda bem que desceram.

Pueyrredón, freada em seco. Um policial negro se abria em cruz, acusando-se de alguma coisa em sua alta guarita. O motorista deixou o banco deslizando, o cobrador quis agarrá-lo pela manga, mas ele se soltou com violência e veio pelo corredor, olhando-os alternadamente, encolhido e com os lábios úmidos e trêmulos. "Aí dá passagem!", gritou o cobrador com uma voz estranha. Dez buzinas ladravam na traseira do ônibus, e o motorista correu aflito para o seu banco. O cobrador falou ao seu ouvido, voltando-se a

cada momento para olhá-los.

— Se você não estivesse... — murmurou Clara. — Acho que se você não estivesse aqui teria me animado a descer.

— Mas você vai a Retiro — disse ele, com alguma surpresa.

— Sim, preciso fazer uma visita. Não importa, teria descido assim mesmo.

— Paguei uma passagem de quinze — disse ele. — Até Retiro.

— Eu também. O pior é que se a gente desce, depois, até que venha outro carro...

— Claro, e além disso vem lotado.

— É sempre assim. Viaja-se tão mal agora. Você viu como anda o metrô?

— Uma coisa incrível. Cansa mais a viagem que o trabalho.

Um ar verde e claro flutuava no veículo, viram o rosa-velho do Museu, a nova Faculdade de Direito, e o 168 acelerou ainda mais em Leandro N. Alem, como se estivesse com ganas de chegar. Duas vezes foi detido por guardas de trânsito, e duas vezes quis o motorista enfrentá-los; na segunda, o cobrador pôs-se à sua frente, impedindo-o com raiva, como se o ofendesse. Clara sentia seus joelhos subirem até o peito, e as mãos de seu companheiro a desertaram bruscamente, cobrindo-se de ossos salientes, de veias rígidas. Clara não tinha visto nunca a transformação viril da mão em punho, contemplou esses objetos maciços com uma humilde confiança quase perdida sob o horror. E falavam o tempo todo das viagens, das filas em que é preciso entrar na Plaza de Mayo, da grosseria das pessoas, da paciência. Depois se calaram, olhando o muro ferroviário, e seu companheiro tirou a carteira, esteve examinando-a muito sério, tremendo um pouco os dedos.

— Falta pouco — disse Clara, endireitando-se. — Já chegamos.

— Sim. Olhe, quando dobrar em Retiro, a gente se levanta depressa para descer.

— Está bem. Quando estiver do lado da praça.

— Isto mesmo. A parada fica antes da Torre dos Ingleses. Você desce primeiro.

— Oh, dá no mesmo.

— Não, ficarei atrás para qualquer coisa. Logo que dobre eu me levanto e lhe dou passagem. Você tem que se levantar depressa e descer um degrau da porta; então eu fico atrás.

— Está bem, obrigada — disse Clara, olhando-o emocionada, e se concentraram no plano, estudando a colocação de suas pernas, os espaços a cobrir. Viram que o 168 teria sinal verde na esquina da praça; tremendo os vidros e a ponto de investir contra o cordão da calçada da praça, tomou a curva a toda velocidade. O passageiro saltou do banco para a frente, e atrás dele passou veloz Clara, jogando-se degrau abaixo enquanto ele se voltava e a ocultava com o corpo. Clara olhava a porta, as tiras de borracha preta e os retângulos de vidro sujo; não queria ver outra coisa e tremia horrivelmente. Sentiu no cabelo a respiração do companheiro, a freama brutal atirou-os a um lado e no mesmo momento em que a porta se abria o motorista correu pelo corredor com as mãos estendidas. Clara já saltava na praça, e quando se voltou para olhar o companheiro ele também saltava e a porta bufou ao se fechar. As borrachas pretas prenderam a mão do motorista, seus dedos rígidos e brancos. Clara viu através das janelinhas que o cobrador se atirava sobre a direção para alcançar a manivela que fechava a porta.

Ele a tomou pelo braço e caminharam rapidamente pela praça cheia de crianças e sorveteiros. Não se disseram nada, mas tremiam como de felicidade e sem se olhar. Clara se deixava levar, notando vagamente a grama, os canteiros, cheirando um ar de rio que crescia de frente. O florista estava a um lado da praça; ele foi parar diante da cesta montada em cavaletes e escolheu dois ramos de amor-perfeito. Deu um a Clara, depois a fez pegar os dois enquanto

puxava a carteira e pagava. Mas quando continuaram andando (ele não voltou a tomá-la pelo braço) cada um levava seu ramo, cada um ia com o seu e estava contente.